

EDITORIAL

A proposta inicial desta edição da HUMANA RES, que tem como Dossiê *Infância e Juventude*, uma temática bastante ampla, abria inúmeras possibilidades de abordagem, criando mesmo a expectativa de que o domínio da Literatura e das Artes viria prevalecer, o que não se concretizou, tendo em vista que a força da história com seus diversos dilemas se impôs meridianamente no espectro das colaborações recebidas. Esse é o primeiro aspecto a chamar a atenção neste Dossiê, ou seja, a atualidade dos temas e das questões abordadas acerca das esferas da criança e do adolescente.

Dessa maneira, os artigos, a resenha e a entrevista convergem no sentido de trazer temas candentes, suscitados, sem dúvida, pelas alterações na conjuntura acadêmica das décadas recentes, mas sobretudo pelos impactos do tempo presente e pela disrupção provocada pela pandemia da Covid-19. Entre a Vida e a Arte, assistimos, não sem perplexidade, à invenção de artifícios e astúcias em busca da sobrevivência e à intensificação do apego ao valor maior – a Vida – bem como dos esforços para sua preservação.

Esses apegos, cada vez mais insurgentes e visíveis, aguçam as sensibilidades e estas apontam para o presente, para o passado e para o temor do futuro, despertando o interesse por formas novas e antigas de proteção social. Essas formas de proteção remetem à problematização de papéis sociais e à reconfiguração desses papéis, em que sujeitos como médicos e farmacêuticos sobressaem, e ganham destaque as condutas femininas e as dimensões da vida social mais afetas às agências das mulheres. Crianças, cuidados e maternidade passam a ser expostos e a conquistar espaço nas escritas.

Os interesses, as formas, as atuações públicas e privadas sobre a educação são temas muito presentes no Dossiê. Além da educação de todos para a Saúde, recorte que atravessa a maior parte das colaborações recebidas, trata-se aqui também da educação infantil e juvenil nos mais diversos formatos: por meio da literatura; nas escolas públicas e privadas convencionais; no seio da família e nos internatos; como política pública contemplada e realizada em alguns períodos da história do Brasil; na forma de enfrentamento aos desafios recentemente colocados

pela reclusão compulsória nesses tempos de Covid-19 e de aprendizado requerido pelo uso das novas tecnologias em todos os níveis de ensino; como resposta às transformações urbanas e a seus novos requerimentos de conhecimentos sociais, políticos e escolares; como esforço empreendido ainda no século XIX, no sentido de proporcionar educação às meninas, tendo em vista o objetivo de formar mulheres com o perfil requerido pelas mudanças em curso; e ainda é possível conhecer os ensinamentos nada convencionais e pouco desejáveis nos setecentos, quando mulheres jovens, rompendo os códigos da Igreja, experimentavam usar seus corpos em liberdade e desafiar os costumes dominantes, usufruindo de outros prazeres. Infância e juventude estão aqui contempladas sob as mais diversas formas que a educação pode assumir, desde a aquisição dos saberes escolares ao cultivo da civilidade, como lugar de preservação e de mudança do mundo, como desafio às suas regras e convenções.

Os direitos das crianças, as responsabilidades do Estado e a emergência das questões étnico-raciais são problematizados à luz da Antropologia pela professora Luciana Soares da Cruz, a entrevistada deste número da revista.

A atenção para os limites e as fímbrias sociais também pode ser vislumbrada na frequência cada vez maior dos estudos sobre as infâncias e as juventudes preconizadas e pela verberação acerca dos direitos dessas frações sociais, cada vez mais vistos como fundamentais e inalienáveis e como deveres imprescritíveis do poder político. A rica e sensível manifestação da professora Luciana Soares da Cruz, a entrevistada deste número da HUMANA RES é reveladora dessas inquietações do presente e registro sensível das demandas por cidadania plena, que é direito de todos e ainda mais urgentemente das crianças que vivem em situações-limite em virtude de pertencimentos socioeconômicos e étnicos ainda carentes de respeito e alteridade.

Esses são temas que recuperam os limiares mais recônditos da experiência humana, das vivências históricas mais partilhadas ao longo dos séculos e que abrangem o nascer, o sobreviver, o reproduzir, o adoecer e o morrer. Em décadas recentes essa imersão na história da condição humana adquiriu enorme atualidade e pertinência, assumindo a forma de estudos sobre todas as fases e idades da vida – a infância, a juventude, a maturidade, a velhice – em suas multiplicidades e variações. Nessa perspectiva, compreende-se o enorme manancial de pesquisas sobre a saúde e as doenças, a proteção e prevenção, de modo que, no Dossiê, a historicização dessas vivências manifesta-se em diversas feições.

Essas novas sensibilidades e esses interesses mais ampliados reconfiguram os estudos sobre as crianças e a maternidade e englobam a recuperação dos trajetos históricos dos

cuidados, no sentido mais amplo, em que se pode incluir os caminhos das vacinações e sua obrigatoriedade, ampliando-se também as responsabilidades do Estado.

Essas sensibilidades, bem como direitos e deveres em processo de conquista, deslocam, de alguma maneira, o foco da atuação dos pesquisadores das mais diversas áreas para a cena pública e mesmo para a abordagem de situações e de sujeitos que foram por muito tempo merecedores apenas do silêncio e da reclusão – quase sempre por serem portadores de doenças contagiosas e incuráveis e recobertos por toda a sorte de estigmas sociais, como era/é o caso da hanseníase. Doenças silenciadas e negadas, doentes segregados do convívio social e elididos da memória familiar, objetos do desprezo e do esquecimento, duplamente condenados à morte, reaparecem no momento presente reivindicando não apenas seus espaços de cura, seus direitos à atenção pública, como igualmente um lugar de destaque em um mundo em que se partilham suas experiências dolorosas e de impossível ignorância.

As ameaças do presente e o imponderável que o ronda, seguramente, serviram de inspiração para nossos pesquisadores. Neste Dossiê, essas dores e esses preconceitos milenares aparecem também no registro de uma louvável intervenção que se realiza em Teresina, em benefício dos portadores de hanseníase e dos curados da doença, mas não dos estigmas que sobre eles incidem e perseveram.

Também sob o signo do encontro, nem sempre desprovido de conflitos e tensões as mais diversas, a resenha deste número contempla um livro cujo núcleo é o reconhecimento da incidência e do vigor, em Teresina, da hanseníase, com o seu cortejo de sofrimentos e a continuidade dos estigmas que pairam sobre a doença ao longo dos séculos. Entretanto, a experiência narrada por Ruimar Batista é de molde a positivar o assunto, apontando para a existência de fios de esperança ao realçar a eficácia dos tratamentos e sobretudo por evidenciar as interferências da sociedade civil na proteção aos doentes e aos curados. Ações dessa natureza, que devem ser divulgadas e louvadas, sinalizam para as necessidades da complementaridade entre a ação pública e os esforços de pessoas e instituições não governamentais. Sistema de saúde atento às doenças e financiamento público às medicações não prescindem de outras atenções aos sujeitos acometidos pela hanseníase e, nesse escopo, estão contempladas todas as interferências em benefício dessas dignidades ameaçadas, caso da narrativa aqui destacada.

Assim, embora as sugestões para os colaboradores terem sido no sentido de ampliação e variação do espectro das temáticas, as respostas dos autores foram convergentes na direção das preocupações e da reflexão sobre os assuntos mais candentes da atualidade. Ao optar pelo

Dossiê: *Infância e Juventude*

protagonismo do tempo presente como inspiração para seus artigos, nossos colaboradores acabam por trazer aos leitores uma amostra significativa das pesquisas que estão sendo realizadas no meio acadêmico, nos dias de hoje.

Dr^a Maria do Socorro Rios Magalhães
Dr^a Teresinha de Jesus Mesquita Queiróz
Me Dheiky do Rêgo Monteiro Rocha